

A NOÇÃO DE CONSTÂNCIA NO “PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA” (FREUD, 1895 [1950]) E EM “ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER” (FREUD, 1920)

BISSOLI, Sidney da Silva Pereira

Docente e Coordenador do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde/Garça
Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

Simanke (2004) aponta que, entre o “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895 [1950]) e “Além do princípio de prazer” (FREUD, 1920), a noção de constância apresenta um significado algo distinto. O autor não apresenta outras indicações sobre este aspecto, além desta. Assim, o presente trabalho pretende preencher esta lacuna deixada por Simanke (2004); a partir da leitura dos dois textos de Freud, citados acima, conclui que a diferença está na vinculação entre a noção de constância ou de princípio de constância, e os princípios de inércia e de prazer. Em suma, enquanto a constância é uma noção implícita no princípio de inércia, o mesmo ponto de vista não pode ser sustentado no que diz respeito aos princípios de constância e de prazer, apesar das afirmações de Freud no sentido contrário.

Palavras-chave: princípio de constância; princípio de inércia; princípio de prazer; Psicanálise.

Tema: Psicologia

ABSTRACT

Simanke (2004) points out that, between the “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895 [1950]) and “Além do princípio de prazer” (FREUD, 1920), the constance’s notion presents a different meaning. The author does not specify other indications, beyond this. In this way, this article intends to fill up this blank left by Simanke (2004);

through the lecture of the two Freud's texts, mentioned above, it concludes that the difference resides in the links between the constance's notion or the notion of principle of constance, and the principles of inertia and of pleasure. In brief, while the constance is a implicit notion in the principle of inertia, the same point of view cannot be supported in concerning about the principles of constance and of pleasure, in spite of Freud's considerations in the other hand.

Key-words: principle of constance; principle of inertia; principle of pleasure; Psychoanalysis.

I. Introdução

Simanke (2004), em nota de rodapé de um trabalho que pretende clarificar a obscuridade do "Projeto para uma psicologia científica" (FREUD, 1895 [1950]), aponta que a noção de constância no texto freudiano é empregada em sentido algo distinto daquele que será proposto 25 anos depois, em "Além do princípio de prazer" (1920), quando Freud nos remete a um "princípio de constância". Tendo este panorama como ponto de partida, este breve trabalho pretende dar continuidade ao de Simanke (2004), objetivando apontar em que consiste esta diferença, mais especificamente. Para tal, proceder-se-á a um exame da noção de constância, presente em uma passagem do "Projeto para uma psicologia científica" (1895 [1950]) e da noção de princípio de constância, especificada no primeiro capítulo de "Além do princípio de prazer" (1920).

II. O "Projeto para uma psicologia científica" (1895 [1950])

Um trabalho de clarificação do "Projeto para uma psicologia científica (1895 [1950]), tal como Simanke nos apresenta, justifica-se

por si só, uma vez que o “Projeto...” se trata de um rascunho que Freud escreveu durante uma viagem de trem, após um encontro com Fliess, que acabou por não ser publicado, enquanto Freud vivia. Portanto, não sofreu a “edição” necessária em qualquer trabalho que é remetido para a publicação.

Como sabemos através de Simanke (2004), a noção de princípio de constância ainda não aparece neste trabalho, surgido apenas a noção de constância. Veremos mais adiante como essa noção pode ser especificada. Antes, devemos notar que há, logo nas primeiras linhas do presente trabalho, a formulação de que o sistema nervoso funciona com base na ação de um princípio inicial, e este princípio é o da inércia. Através dele, os neurônios procuram se livrar da quantidade. Que quantidade? Uma quantidade de energia, não especificada, que percorre e ocupa os neurônios, podemos dizer. Afirma Freud (1895 [1950]):

“Partindo dessa concepção [da excitação neuronal como uma quantidade em estado de fluxo], pôde-se estabelecer um princípio básico da atividade neuronal em relação a Q , que prometia ser extremamente elucidativo, visto que parecia abranger toda a função. Esse é o princípio da inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar de Q ”. (p. 348)

A expressão “livrar-se da quantidade” tem interesse. Não se trata apenas de descarregar quantidades, mas de descarregar “totalmente” a quantidade. Em última instância, tornar $Q = 0$.

Enquanto Freud está tratando dos estímulos externos, a noção de um princípio de inércia não precisa ser modificada. O sistema nervoso, através dos neurônios sensoriais, é invadido por uma determinada quantidade ou, ainda, para falarmos nos termos de “As Neuropsicoses de Defesa” (1894), por uma determinada “soma de excitação”, e é essa mesma quantidade ou soma de excitação que é descarregada através

dos neurônios motores, pela fuga do estímulo. Desta forma, enquanto Freud lida apenas com os estímulos externos, o princípio de inércia ($Q_n = 0$) pode ser mantido. Em outras palavras, o sistema nervoso, hipoteticamente, pode retornar tranquilamente a um estado anterior de repouso, uma vez que, quando Q_n encontra-se no nível zero, isso significa que não há quantidade de energia circulando no sistema nervoso (pulsão de morte?).

No entanto, a partir do momento em que Freud introduz a idéia de que o sistema nervoso recebe quantidades não apenas do mundo externo, mas também do próprio corpo, através das necessidades vitais (fome, respiração, sexualidade), é necessária uma modificação no princípio de inércia. Se, com os estímulos externos, bastava ao organismo cessar a estimulação mediante a fuga, com a estimulação interna, não podemos dizer o mesmo: o organismo não pode fugir de si próprio. Para a cessação do estímulo interno, é necessária uma modificação no mundo externo mediante aquilo que Freud chama de "ação específica".

A ação específica, por suas próprias características, é mais complexa do que a somação da excitação vinda a partir de dentro. Por isso, ela se realiza com base em uma quantidade (Q) maior do que aquela promovida pelo estímulo endógeno. Assim, o sistema nervoso não pode mais descarregar Q_n ao nível zero, pois, se assim fosse, não teria quantidade suficiente para realizar a ação específica. O princípio de inércia, então, precisa sofrer uma ligeira modificação. Ao invés de reduzir a quantidade ao nível zero, o sistema nervoso necessita agora reduzir a quantidade ao menor nível possível, tendo, desta forma, um estoque de quantidade que o permita realizar a ação específica. Diz Freud (1895 [1950]):

“(...) o sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (isto é, a reduzir o nível da Qn a zero). Precisa tolerar [a manutenção de] um acúmulo de Qn suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica. Mesmo assim, a maneira como realiza isso demonstra que a mesma tendência persiste, modificada pelo empenho de ao menos manter a Qn no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante” (p. 349).

Este é o momento em que a noção de constância surge de forma explícita. No entanto, o que gostaríamos de destacar é que, quando Freud fala em um princípio de inércia, a noção de constância já estava implícita dentro deste princípio pois, como Freud afirmou anteriormente, na tendência à inércia, “os neurônios tendem a se livrar de Q” (p. 348). Livrar-se de Q implica reduzir Q ao nível zero. Ora, se toda vez que há um acúmulo de Q, os neurônios tendem a reduzir Q ao nível zero, então é nítido que os neurônios pretendem manter Q sempre ao nível zero, ou seja, manter a quantidade constante, neste nível.

Para Freud, a partir do momento em que ele introduz os estímulos endógenos, há uma restrição à inércia. No entanto, esta restrição não provém da constância, mas dos estímulos endógenos, e Freud tampouco postula um novo princípio que dê um nome a esta restrição. Trata-se apenas de uma modificação no princípio da inércia.

III. “Além do princípio de prazer” (1920)

É de conhecimento corriqueiro que Freud, com este trabalho, pretende, não apenas atribuir uma característica pulsional à compulsão à repetição e mostrar que ela pode desprezar sob todas as formas o princípio de prazer – o que o autor já havia feito um ano antes, no artigo “O estranho” (1919) –, como também propor, a partir daí, a

noção de “pulsões de morte”. No entanto, até chegar a este conceito, há um longo passeio, que começa justamente por uma consideração acerca do princípio de prazer. É nestas palavras que Freud abre o artigo:

“Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou com uma produção de prazer” (p. 17).

Resumindo, a redução da tensão provoca prazer ou, pelo menos, reduz o desprazer. Da mesma forma, o aumento da tensão provoca o desprazer e, conseqüentemente, reduz o prazer. Em seguida – Freud continua – afirma que o fator que determina o sentimento de prazer ou desprazer deve, talvez, ser buscado, não no aumento ou diminuição absolutos da quantidade de excitação, mas no período de tempo em que essas variações se realizam; tenta compatibilizar suas hipóteses com o trabalho de G. T. Fechner, até surgir uma primeira consideração mais explícita em relação à constância:

“Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante” (p. 18).

É surpreendente a semelhança com que Freud se pronuncia, entre o “Projeto para uma psicologia científica” (1895 [1950]) e o “Além do princípio de prazer” (1920). Quando, no primeiro texto, Freud fala em manter a Q_n no nível mais baixo possível, está se remetendo a um princípio de inércia modificado pela introdução dos estímulos

endógenos. No segundo texto, ao se referir ao princípio de prazer, Freud já não aventa a hipótese de redução da excitação ao nível zero. O princípio de prazer, longe de tender a reduzir a excitação ao nível zero, procura, da mesma forma que o princípio de inércia modificado (pela introdução dos estímulos endógenos) reduzir a excitação no nível mais baixo possível. Assim, pareceria que o princípio de prazer é nada mais do que o princípio de inércia modificado. Outra observação é que na passagem citada acima, Freud, pela primeira vez neste texto, fala de algo relativo à constância. E não demora muito para que em seguida ele fale de um princípio de constância, nos seguintes termos: “O princípio de prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer” (p. 19)

O que gostaríamos de apontar é que Freud pensa que o princípio de constância decorre do princípio de prazer, mas não decorre. O argumento para sustentar essa afirmação é o de que, se o prazer equivale à diminuição da excitação, e o desprazer equivale ao acúmulo de excitação, então, a manutenção da excitação em um nível constante, não produziria prazer, tampouco desprazer, tal como mostrou Figueiredo (1999). Afirma este último autor, em “Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi” (1999):

(...) se prazer e desprazer referem-se a diminuições e aumentos de energia; se mais do que relações diretas ou proporcionais o que importa é um dado *ritmo de aumento e diminuição*, como tornar equivalentes o princípio de prazer e o princípio de constância, se neste o que está em jogo não são mais incrementos e reduções, mas é a estabilidade?

Figueiredo parte desta contradição para propor a idéia que, ao se referir ao princípio de constância, Freud já está nos levando para bem

longe do princípio de prazer, para a pulsão de morte. Se o princípio de constância pode ser equacionado, de alguma maneira, à pulsão de morte, tal como pretende Figueiredo (1999), é algo a se discutir. No entanto, as relações entre pulsão de morte, princípio de inércia, princípio de prazer e princípio de constância escapam ao âmbito deste trabalho, merecendo uma discussão mais pormenorizada, posteriormente.

IV. Considerações Finais

Quando Freud introduz a noção de constância, no “Projeto para uma psicologia científica” (1895 [1950]), ele o faz dentro de um contexto de modificação do princípio de inércia. Já em “Além do princípio de prazer” (1920), o autor tenta, de todas as formas, mostrar que o princípio de constância nada mais é do que uma outra forma de enunciar o princípio de prazer.

O que pretendemos demonstrar, neste trabalho, é que a noção de constância não modifica o princípio de inércia, como Freud imaginou, no “Projeto para uma psicologia científica” (1895 [1950]). O que modifica o princípio de inércia é a introdução dos estímulos endógenos. Ou, ainda, a própria noção de constância já está implícita no princípio inercial. Por outro lado, a íntima associação entre a constância e o princípio de prazer (ou princípio de inércia modificado), em “Além do princípio de prazer” (1920), não pode ser mantida, devido à diferença entre aumentar/diminuir e manter constante a excitação. Como já foi dito anteriormente, se o prazer equivale à diminuição da excitação, e o desprazer equivale ao acúmulo de excitação, então a manutenção da

energia em um nível constante, não produziria prazer e, tampouco desprazer.

Assim, voltando-nos à Simanke (2004), é verdade que há um sentido algo distinto entre as noções de constância nos dois textos examinados. No entanto, esta diferença é o reverso da diferença apontada pelo próprio Freud.

V. Referências Bibliográficas

FIGUEIREDO, L. C. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

FREUD, S. (1894). **As neuropsicoses de defesa**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 3).

_____. (1895 [1950]). **Projeto para uma psicologia científica**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 1).

_____. (1919). **O estranho**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 17).

_____. (1912). **Além do princípio de prazer**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18).

SIMANKE, R. T. **Neurônio e quantidade**. Mimeo, 2004.